

INCLUSÃO EM MUSICOTERAPIA: DESAFIOS E NOVAS PERSPECTIVAS

Noemi Nascimento Ansay¹

Resumo: O artigo apresenta o texto da Conferência realizada no 17º Congresso Mundial de Musicoterapia, em Vancouver, Canadá, no dia 28 de julho de 2023. O trabalho apresentado, intitulado *"Inclusion in Music Therapy: Challenges and News Perspectives"*, tratou a respeito da formulação e implementação de políticas nacionais para o reconhecimento do trabalho do musicoterapeuta no Sistema Único de Saúde (SUS) e no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e políticas institucionais que promovem a inclusão de participantes em atendimentos de musicoterapia e de estudantes na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Outros aspectos abordados foram a respeito do trabalho dos Centros de Educação em Direitos Humanos da Unespar (CEDH) e seus Núcleos: NERA (Núcleo de Relações Étnico-Raciais), NERG (Núcleo de Relações de Gênero) e NESPI (Núcleo de Educação Especial e Inclusiva), a metodologia do "Grupo aberto em Musicoterapia", implementado pela Profa. Dra. Rosemyriam Cunha e o trabalho realizado no Centro de Atendimentos e Pesquisa em Musicoterapia "Clotilde Leinig".

Palavras-chave: Musicoterapia; Inclusão; Ensino Superior; Pessoas com deficiência;

INCLUSION IN MUSIC THERAPY: CHALLENGES AND NEW PERSPECTIVES

Abstract: The text presents the conference held at the 17th World Congress of Music Therapy in Vancouver, Canada, on July 28, 2023. The presented work, titled "Inclusion in Music Therapy: Challenges and New Perspectives," addressed the formulation and implementation of national policies for the recognition of music therapists' work in the Unified Health System (SUS) and the Unified Social Assistance System (SUAS), as well as institutional policies promoting the inclusion of participants in music therapy sessions and students in the university. Other aspects discussed included the work of the Human Rights Education Centers at Unespar (CEDH) and their nuclei: NERA (Nucleus of Ethnic-Racial Relations), NERG (Nucleus of Gender Relations), and NESPI (Nucleus of Special and Inclusive Education), the methodology of the "Open Group in Music Therapy" implemented by Prof. Dr. Rosemyriam Cunha, and the work carried out at the Music Therapy Care and Research Center "Clotilde Leinig."

Keywords: Music Therapy; Inclusion; Higher Education; People with Disabilities.

¹ Graduada em Musicoterapia (FAP/Unespar); Especialização em Psicopedagogia (Universidade Tuiuti), Mestrado e Doutorado em Educação (UFPR); Diretora da Faculdade de Artes do Paraná, Campus Curitiba II/ Unespar e Professora do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI); CPMT 78/94, noemi.ansay@unespar.edu.br CV: <http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>

Introdução

Bom dia, estimadas/os colegas musicoterapeutas e estudantes de Musicoterapia, dos 50 países aqui representados neste 17º Congresso Mundial de Musicoterapia.

Inicialmente quero agradecer o convite da equipe da Federação Mundial de Musicoterapia para participar desta *spotlight*, que trata sobre Diversidade, Equidade e Inclusão, na companhia das musicoterapeutas e pesquisadoras Dra. Cynthia Bruce, Dra. Carolyn Shaw, Dra. Sue Baines e a Dra. Indra Selvarajah.

Também agradeço a Universidade Estadual do Paraná, da qual sou professora do curso de Musicoterapia e Diretora da Faculdade de Artes do Paraná, pelo apoio institucional.

Gostaria de me apresentar, fazendo uma pequena audiodescrição: meu nome é Noemi, sou brasileira, da cidade de Curitiba. Sou uma mulher de pele marrom clara, tenho cabelo nos ombros e uso óculos. Meu sinal na língua brasileira de sinais (LIBRAS) é este: (configuração de mão da letra “N”, com movimentos do alto da cabeça aos ombros), faço esta referência por trabalhar desde jovem com a comunidade surda e ser ativista e aliada em prol das pessoas com deficiência. Atualmente, faço parte do Conselho Estadual do Direito das Pessoas com Deficiência e das Pessoas Idosas, no Estado do Paraná/BR e também da Comissão Universidade para Indígenas (CUIA).

Sou musicoterapeuta há 30 anos, atuando em diferentes *settings*: clínicas com crianças e adolescentes com deficiência; em escolas especiais e regulares; em clínicas para pessoas com dependência química, professora, pesquisadora, supervisora de estudantes universitários do Curso de Musicoterapia e orientadora do mestrado profissional em Educação Inclusiva (PROFEI).

Neste Congresso nos reunimos como uma comunidade global, de distintos locais do planeta, diferentes etnias, culturas, línguas, histórias, com diferentes referências sonoro-musicais, saberes e fazeres musicoterapêuticos.

O músico brasileiro, Milton Nascimento, canta:

*“Amigo é coisa para se guardar,
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração,
Assim falava a canção que na América ouvi”.*
(Nascimento, Brant, 1979)

Assim, como na canção, desejamos fortalecer laços de amizade e relacionamentos profissionais, criando uma comunidade de musicoterapeutas inclusiva e acolhedora, que reconheça e valorize a diversidade, que luta por equidade e que tenha práticas inclusivas.

Também de início, gostaria de ressaltar um trecho da música: Estrada (1998) do grupo musical brasileiro: Cidade Negra,

*“Você não sabe o quanto eu caminhei,
Pra chegar até aqui,
Percorri milhas e milhas antes de dormir,
Eu nem cochilei,
Os mais belos montes escalei,
Nas noites escuras de frio chorei;”*

Parafrazeando o músico, Tony Garrido, para uma brasileira, latino-americana estar em um Congresso Mundial de Musicoterapia, não é tarefa fácil; exige uma longa caminhada, *“pra chegar até aqui.”*

O Brasil é um país com uma rica flora e fauna, com um povo multicultural, mas, com grandes desigualdades sociais, onde infelizmente a fome, a violência de todas as

ordens ainda é uma realidade. Assim, a luta pelos direitos humanos é cotidiana, resistir é preciso, para não ser vencido pela barbárie.

Como musicoterapeutas estamos comprometidas/os com a mudança social dos locais onde vivemos e trabalhamos. Sabemos que o trabalho de cada musicoterapeuta no mundo é fundamental e transformador, não só pelo impacto que gera na relação “com” e “entre” os sujeitos, mas também no seu entorno, na sociedade e em si mesmos.

Também é importante destacar a força do coletivo (Shapira, 2016), para que haja uma maior inserção da musicoterapia, nos sistemas de saúde, educação e outros.

Nesta tarefa a dialogicidade, nos termos estabelecidos por Paulo Freire (2005), é fundamental: “[...] na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração.”

O mundo contemporâneo nos impõe desafios como sujeitos e musicoterapeutas — a exclusão parece ser regra e não exceção. A lógica colonial produziu desigualdades sociais, exploração de recursos naturais e de mão de obra. As razões são complexas e se relacionam a análises conjunturais e a um ideário neoliberal que, de acordo com as leis do mercado, acentuam e reproduzem as desigualdades sociais. (Gentile, 2007; Poulantzas 2000).

Morin (2004) ressalta a importância de um pensamento não linear e uma perspectiva que considere a complexidade da vida, do mundo e da vida planetária. Também Krenak (2020), líder indígena brasileiro, ressalta aspectos da cosmovisão do “*Buenviver*” que apontam para além do “consumismo”, a possibilidade de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza e o que podemos desenvolver.

Uma das muitas possibilidades, historicamente construídas pelo homem, para o enfrentamento de um pensamento hegemônico, para resolução de problemas,

conscientização, enfrentamento dos preconceitos, mudanças sociais e promoção de saúde é a MÚSICA, e tudo que ela representa individualmente e socialmente.

De acordo com Barcelos e Santos (1996): A música, por sua natureza polissêmica tem: "... possibilidades quase infinitas de abrir caminhos e ampliar os horizontes de expressão dos pacientes".

Assim, a musicoterapia, que em sua gênese é híbrida e tem por objetivo atingir fins terapêuticos por meio da música, se propõe a ser inclusiva em suas práticas nos diferentes campos de atuação, de acordo com Leinig (2008).

Neste caso o paradigma inclusivo é regra e não exceção. Ele é um fundamento epistemológico e filosófico das práticas musicoterapêuticas.

Desenvolvimento

Assim, neste Congresso, farei uma exposição de três aspectos:

- 1) Musicoterapia: formulação e implementação de políticas públicas no Brasil e políticas institucionais da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR);
- 2) Formação de musicoterapeutas, a partir de uma perspectiva inclusiva;
- 3) Atendimentos de pessoas com deficiência no Centro de Atendimentos e Estudos em Musicoterapia "Clotilde Leinig" (CAEMT) e Encontros Abertos em Musicoterapia (Cunha, 2019).

1. Musicoterapia: formulação e implementação de políticas públicas no Brasil e políticas institucionais da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

No Brasil e em outros países, é possível constatar avanços nas políticas públicas direcionadas ao reconhecimento e valorização da diversidade humana, do

enfrentamento a iniquidade, buscando ações de equidade e das políticas denominadas inclusivas.

No entanto, é importante observar o alerta, feito por Bobbio (2004) que discute a questão do direito do cidadão como um fenômeno social, construído historicamente, mas também problematiza que as “boas intenções”, refletidas nos documentos legais, nem sempre se efetivam no plano real.

Portanto, as ações formativas, sejam educacionais ou profissionais são fundamentais para mudanças efetivas nas vivências e práticas dos sujeitos.

No Brasil, podemos citar duas políticas públicas relacionadas à Musicoterapia: a do Sistema Único de Saúde (SUS) e no Sistema de Assistência Social (SUAS). Ambos os sistemas têm seus fundamentos norteadores baseados na Constituição Brasileira (1988) que prevê três princípios: universalidade, equidade e integralidade.

O Sistema Único de Saúde (SUS) é responsável pela promoção, prevenção e assistência à saúde de todas as pessoas que vivem no Brasil, de forma gratuita e universal. Desde 2009, a Musicoterapia faz parte do rol de atendimentos oferecidos, por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). (UBAM, 2021).

Já no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), o reconhecimento da Musicoterapia se deu por meio da participação de profissionais musicoterapeutas em movimentos políticos, sociais e culturais. Desde 2011, a musicoterapia faz parte de atendimentos do SUAS.

Destaco aqui o importante trabalho realizado pelas Musicoterapeutas Camila Acosta Gonçalves e da musicoterapeuta Cláudia Zanine, que estão presentes neste Congresso, em prol destas políticas, e o trabalho da União Brasileira de Associações de Musicoterapia (UBAM).

Quanto às políticas institucionais, no curso de Musicoterapia, da Universidade Estadual do Paraná, que é pública e gratuita, o debate inicia a partir de demandas relacionadas à inclusão de estudantes com deficiência na instituição. No curso de

musicoterapia, por exemplo, tivemos e temos estudantes cegos e estudantes com outras deficiências ou necessidades educacionais especiais. Assim, em 2016, constituiu-se o Núcleo de Educação Especial e Inclusiva (NESPI). Posteriormente foram incorporados: o Núcleo para Relações Étnico-raciais - NERA e Núcleo de Educação para Relações de Gênero - NERG, formando o Centro de Educação de Direitos Humanos (CEDH). Estes núcleos são espaços de acolhimento, construção de conhecimento e orientação para práticas educacionais pautadas na equidade, respeito à diversidade e no exercício da cidadania, incluindo ações nos âmbitos do ensino, pesquisa, extensão e gestão. (PROPEDH, 2023)

Desta maneira, a universidade oferece aos estudantes, um espaço de participação, interação e construção de conhecimento.

2. Formação de musicoterapeutas, a partir de uma perspectiva inclusiva

O Curso de Bacharelado em Musicoterapia, da Faculdade de Artes do Paraná, Unespar, tem a duração de quatro anos e sua matriz curricular é estruturada por tópicos específicos em musicoterapia, disciplinas musicais, reflexivas, ciências da saúde e práticas em musicoterapia (estágios) em diferentes áreas: educacional, comunitária, saúde mental, neurológica, organizacional e hospitalar.

Além das disciplinas obrigatórias do curso, onde temas, como a História e Cultura Afro-Brasileira devem ser trabalhados de maneira transversal, a universidade oferece disciplinas optativas em Educação em Direitos Humanos, Cidadania e Diversidades.

3. atendimentos de pessoas com deficiência no Centro de atendimentos e estudos em Musicoterapia e Encontros Abertos em Musicoterapia

O Centro de Estudos e Atendimentos em Musicoterapia “Clotilde Leinig” do Bacharelado em Musicoterapia da Unespar tem por objetivos:

- a) fornecer atendimento em musicoterapia para a sociedade em geral;
- b) oferecer apoio pedagógico aos estudantes durante a graduação;
- c) oferecer oportunidades para o desenvolvimento de estudos, projetos de extensão e de pesquisa;

Os atendimentos de musicoterapia da Unespar são gratuitos à comunidade em geral.

Na última década, entre 2012 a 2022, foram realizados 6.668 atendimentos gratuitos a comunidade, conforme o Tabela 1.

Tabela 1: Atendimentos de Musicoterapia do CAEMT (2012 - 2022)

| Ano | Estagiári/os | Participantes | Atendimentos |
|-----------------------|---------------------|----------------------|---------------------|
| 2012 | 11 | 24 | 254 |
| 2013 | 13 | 50 | 507 |
| 2014 | 10 | 25 | 375 |
| 2015 | 14 | 45 | 736 |
| 2016 | 13 | 58 | 575 |
| 2017 | 14 | 45 | 715 |
| 2018 | 23 | 56 | 929 |
| 2019 | 30 | 62 | 859 |
| 2020 (Covid) | 0 | 0 | 0 |
| 2021 (on-line) | 28 | 44 | 660 |
| 2022 | 24 | 38 | 1.058 |
| Total | 180 | 447 | 6.668 |

Fonte: ANSAY, CAEMT (2023)

Quanto ao público atendido, existe uma prevalência de crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA), seguidos por demandas de reabilitação; transtorno de atenção e hiperatividade; depressão, demandas de saúde mental entre outras.

Outro importante trabalho que emergiu no Bacharelado em Musicoterapia, foi desenvolvido pela Profa. Dra. Rosemyriam Cunha, denominado de Grupo Aberto de Musicoterapia, que iniciou em 2008 e esteve ativo até 2016. O objetivo inicial era o de reunir, mensalmente, o grupo de participantes atendidos no Centro de Atendimento e Estudos em Musicoterapia. Com o tempo, o grupo, que iniciou com 14 pessoas, passou para uma média de 40 a 45 integrantes, alguns com uma participação estável e outros de maneira mais flutuante. Além dos participantes do Centro, professoras/es e estudantes do próprio curso, o grupo começou a receber familiares, cuidadoras/es, professoras/es e estudantes de outros cursos, amigas/os das/os participantes e da comunidade acadêmica. Outra característica era o aspecto intergeracional, pois participavam dos encontros, crianças, jovens, adultos e pessoas idosas. Por suas características, o Grupo Aberto foi um trabalho que atendia as diversidades, sendo heterogêneo, buscando ser inclusivo em todos os aspectos.

Considerações Finais

Sob muitos aspectos podemos concluir que o debate sobre diversidade, equidade e inclusão, é muitas vezes, um fenômeno da retórica. Portanto é preciso refletir, sobre nossos sentimentos, posicionamentos e práticas quando falamos sobre estes temas. Também é necessário discutir sobre as políticas institucionais existentes e as que ainda precisam ser formuladas e implementadas em prol da garantia de direitos das/os participantes (pacientes, usuárias/os, clientes), das/os musicoterapeutas, das/os estudantes e das/os pesquisadoras/es da área.

Segundo o povo guarani, uma das nações indígenas que formam o Brasil: “caminhar aperfeiçoa a jornada”, desta forma, cabe a nós caminhar, enquanto desempenhamos profissionalmente nossa carreira como musicoterapeutas, seja em movimentos políticos, sociais, artístico-culturais, nas associações, fóruns e congressos como este.

Outro ponto fundamental é o compromisso das/os musicoterapeutas, professoras/es e pesquisadoras/es do campo, na formação de estudantes e futuros profissionais.

Finalizo com um trecho da canção “Latinoamérica” do grupo porto riquenho de rap e pop, Calle trece:

*“Vamos caminando
Aquí se respira lucha
Vamos caminando
Yo canto porque se escucha
Vamos dibujando el camino,
Vamos caminando, aquí estamos de pie.”*

Muito obrigada pela oportunidade e aproveito o momento para convidá-las/os a conhecerem as práticas e pesquisas do Brasil e países latino-americanos.

Imagem 1: Conferência no 17º Congresso Mundial de Musicoterapia



Fonte: a autora (2023)

O resumo do trabalho apresentado está nos Anais do Evento está disponível no link: https://issuu.com/presidentwfmt/docs/mt_today_vol.18_no.1, p.461,462;

Referências

Barcellos, L.R.; Santos, M. A.C. **A natureza polissêmica da música e musicoterapia**. Brazilian Journal of Music Therapy BRJMT, No. 1, p.18, 1996.

Calle 13. **America Latina**. No álbum MultiViral. Sony Music, 2014.

Cidade Negra. **Estrada**. No álbum O Erê. Sony Music, 1998.

Cunha, R. **Reflexões sobre a prática da musicoterapia em grupo**. Brazilian Journal of Music Therapy, No. 26., 2019. Disponível em <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/22>. Acesso em 25 de jan.de 2023.

Freire, P. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra, 2005.

Gentile, P. **Desencanto y utopia**. Centro Internacional. Miranda, Caracas, 2007.

Krenak, A. **Os caminhos do bem-viver**. Biodiversidade, 2020. Disponível em <https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver>. Acesso em 10 de jan.de 2023.

Leinig, C. E. **A música e a ciência se encontram: Um estudo integrado entre a música, a ciência e a musicoterapia**. Juruá, 2008.

Nascimento, M., & Brant, F. **Unencounter**. Álbum Journey todawn. A&M Records, 1979.

Poulantzas, N. **O estado, o poder, o socialismo**. Paz e Terra, 2000.

Schapira, D. **Reflexiones acerca del ser musicoterapeuta**. [Conferência]. Anais do VI CLAM 2016 /Congresso Latino-americano de Musicoterapia/Integração e Diversidade de Vozes da Musicoterapia Latino-americana', Vol. 1, Florianópolis, Santa Catarina. Disponível em : <https://colectivomusicoterapeutascomunitarios.files.wordpress.com/2014/04/anais-do-vi-congreso-latino-americano-de-musicoterapia-2016-4.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2022.